

Guarda e Beja lideram distritos com mais quedas de raios em Portugal

30 de Abril, 2018

Guarda e Beja foram os distritos com maior prevalência de queda de raios em 15 anos, sendo o período entre maio e setembro o mais frequente, revela um estudo do Instituto Português do Mar e da Atmosfera (IPMA), de acordo com a "Lusa". Segundo o estudo sobre avaliação de descargas elétricas atmosféricas (DEA) em solo nacional entre 2003 e 2017, e a que a agência Lusa teve acesso, o IPMA verificou que os "locais mais afetados inserem-se nos distritos da Guarda, Beja, Viseu, Portalegre, Coimbra, Castelo Branco e Vila Real".

No distrito da Guarda "foi registado o valor mais elevado, com 0.358 DEA/quilómetros quadrados (km²)/ano, seguido do distrito de Beja com 0.344 DEA/km²/ano", lê-se no documento, que aponta, no primeiro caso, "o efeito orográfico causado pela Serra da Estrela" como "potenciador da ocorrência de trovoadas". No caso de Beja, no Alentejo, os registos têm por base, segundo o estudo, "o desenvolvimento de células convectivas (nuvens) que podem gerar trovoadas".

Com cerca de 940 quilómetros de costa, o contraste mar/terra é também um "fator importante, nomeadamente no inverno em que a superfície terrestre, mais fria do que o oceano, propicia o desenvolvimento das células convectivas sobre o mar", e, no verão, cujo aquecimento da superfície terrestre "propicia o desenvolvimento das células convectivas nas regiões do interior". E se as condições favoráveis ao desenvolvimento de trovoadas dependem do estado da atmosfera, em Portugal esta ocorre essencialmente na "passagem de superfícies frontais mais ativas, e no ar frio pós-frontal, bem como em situações de convecção (instabilidade atmosférica)", citando o estudo como período de "maior ocorrência de trovoadas entre maio a setembro, com um pico entre as 15 e as 18 horas".

O IPMA baseou o seu estudo numa "rede de detetores de descargas elétricas atmosféricas", a realizar leituras desde 2003 e que são "constituídas por quatro sensores", segundo o instituto. Esses relatórios permitem a elaboração anual de "mapas de densidade média de DEA", onde é possível "observar a distribuição espacial da trovoadas em Portugal continental", o que permitiu atualizar os "valores de densidade média para o período de 2003-2017, numa malha regular de 0.2° de latitude por 0.2° de longitude, em que as DEA consideradas são do tipo nuvem-solo e não apresentam um erro de localização superior a 10 quilómetros", explicou o IPMA.

Conclui o estudo que, em comparação com os valores registados na Europa, "Portugal apresenta valores muito baixos, inferiores a 1.0 DEA/km²/ano", números explicados "essencialmente pela posição geográfica e pelos padrões de tempo, que tipicamente afetam a região".

**Foto de Reuters*